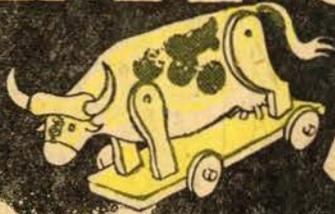


PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 636



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
ARCINDO

A ESPERTEZA DUM GATO

Por ABILIO CARLOS CAMPOS TAVARES

A S.^a Inês Pataco e seu marido, o sr. Tiago Cebóla, eram dois abastados proprietários duma aldeia provinciana, que tinham uma criada muito descuidada. As vezes, já era meio dia quando esta levava o almoço aos habitantes da capoeira, que andavam com projectos de revolta contra tal abuso, pois sentiam-se burlados numa refeição.

Um dia, apareceu D. Galo, que exclamou, furioso:

— «Não há direito!... No meu relógio já são onze horas e meia e o almoço ainda não apareceu. Temos que fazer banzé, a ver se se lembram de nós!»

E fizeram tal ruído que a criada veio, assustada, ver do que se tratava, pois já temia uma revolta.

— «Então, o que vem a ser isto?»

E o galo, muito lampeiro, respondeu-lhe:

— «Somos nós que estamos a protestar contra o atraso do nosso almoço. Nós estamos aqui para nos tratarem bem, a-fim-de lhes dar carne boa.»

E, lá dum canto, D. Galinha Vaidosa, como que a completar a fala de seu marido, disse:

— «Por este andar, daqui a pouco, com a fome que nós passamos, aparece aqui um monte de ossos!»

«Que isto não torne a acontecer — (disse D. Galo) — senão...»

— «Senão, o quê?!

— exclamou a criada em tom furioso.

— «Senão revoltamo-nos!» — gritaram



ARCINDO

todos os habitantes da capoeira.
— «Veremos, veremos!» — disse a criada, retirando-se.
Ao outro dia, succedeu quasi o



mesmo, pois já era meio dia e a criada ainda lhes não tinha levado o almoço. Daí a pouco, apareceu ela com a comida e uma faca para matar o chefe da revolta, que era o D. Galo. Mas quando a criada, que tinha deixado a porta da capoeira aberta, ia a apanhar o D. Galo para o matar, ele gritou com voz forte, de maneira que todos o ouvissem:

— «Revolta! Revolta!...»

Foi, então, que a bicharada se precipitou para a porta e fugiu.

A criada ia a fechar a porta para apanhar D. Galo, quando este se raspou e se foi reunir aos revoltosos, debaixo de uma árvore, que havia a distância, sob a qual estava o gato da casa, (um bonito gato branco, a-pesar-de já velho), que se encontrava a passar tempo ao Sol, a ver se enganava o estômago, pois assim como os revoltosos, não tinha feito ainda a sua habitual ginástica com os maxilares.

Ao ver-se cercado, o gato perguntou:

— «O que há?»

— «Fomos nós que nos revoltámos, e vamos acampar debaixo daquela árvore grande que vês ao longe, até estabelecermos um acôrdo.» — gritou a bicharada.

— «E qual é o acôrdo?» — perguntou o gato.

— «E' ter as refeições a horas!» — gritaram todos.

Quando eles se retiraram, o gato pensou que poderia tirar proveito da revolta e dirigiu-se a casa.

Aí conferenciou com os donos e ficou combinado que se ele conseguisse reunir a criação, ganharia, nada mais.

(Continua na página 8)



EU TENHO MÃI

POR EMIDIO MATIAS PINTO

MUI satisfeito, brincando, estava, um dia, um pequenito, quando vê, p'ra ele olhando, um outro, mui pôbresito.

O rico, que era orgulhoso, ao ver os gestos enfermos de pequenito desditoso, abordou-o nestes termos:

— «Vai-te embora, mau garoto, que estás, aqui, a fazer? Todo sujo, todo roto, não mais cá te quero ver!» Bruscamente interrompido na sua contemplação, o petiz, surpreendido, responde, sem intenção:

— «Não posso perceber bem porque, que eu brinque, não queres; Não faço mal a ninguém, farei tudo o que quiseres.»

— «Ora o reles pobretão a qu'rer comigo brincar!... Mas não brincas, isso não, vai-te embora, põe-te a andar!»

Quando estas frases ouviu, logo o pobre se afastou mas o outro já não viu o modo com que o fitou. Um ar cheio de censura, em seus olhos perpassou, até que, já com ternura, mui tristemente pensou:

— «Sómente a boca falou, não falou o coração! Mais rico que tu eu sou, pois tenho mãe e tu não!»

UM MEIO SEGURO

A cozinheira:— «Ah! minha senhora, esta pedra de gelo muito custa a partir!»

A senhora:— «Faça de conta que é um prato do meu melhor serviço de louça, Joana, e verá como se quebra num instante.»

UM HERÓI POR AGOSTINHO CELESTINO BORGES de SOUSA

Era em Dezembro... As chuvas inundavam os campos, tornando-os quasi intransitáveis.

O Zeca andava triste, pois o tempo não o deixava divertir, como de costume, com os seus condicípulos.

— «Avózinha, (diz o Zeca) porque não vem contar-me uma história daquelas que sabe, muito lindas, de fadas e reis encantados?»

— «Pois bem, Zeca; contar-te-ei não uma história de fadas e reis encantados, mas sim um facto que se passou na aldeia onde eu vivi, quando era como tu. Ouve:

— «Manuel era um petiz, dos seu doze anos, orfão de pai.

Vivia com sua mãe já velhinha, numa humilde aldeia de Trás-os-Montes. Tinha a aspiração de vir a ser militar. Os seus brinquedos eram espadas e espingardas de pau, com as quais organizava guerra com os seus companheiros.

Manuel cresceu... Tornou-se homem; mas a idéa de vir a ser militar nunca se lhe varreu da memória.

Rebentou a guerra. Os alemães invadiram a Bélgica para, dali, marcharem sobre a França. Entretanto, Portugal mobiliza os seus homens... Alia-se á Inglaterra e á França contra os alemães.

Manuel foi, então, avisado de que se devia preparar para seguir no ba-

talhão que, dentro em breve, partiria para França.

Surgiu o dia aprazado.

Era comovedor ver a despedida dos que partiam!

Sua mãe, ao despedir-se, tirou de um relicário, que trazia no seio, uma pequena medalha e deu-a a Manuel, dizendo-lhe:

— «Meu filho, que Deus te proteja!»

E Manuel partiu...

Os alemães faziam violentas inves-



tidas às linhas aliadas mas estas portavam-se com bravura.

Chegou a vez de Manuel fazer o seu baptismo de fogo.

Estavamos em Abril. Os alemães atacavam com ferocidade as linhas defendidas pelo batalhão de Manuel.

Depois de várias horas ininterruptas de fogo, o batalhão achou-se quasi sem munições e com poucos homens.

Era preciso proteger a retirada dos soldados que restavam para a retaguarda. Manuel ofereceu-se logo, voluntariamente, para proteger essa retirada.

Manobrando a sua metralhadora, como um herói faz frente, a os alemães, protegendo, assim, a retirada dos seus companheiros.

Mas eis que um bala traioeira o fere e Manuel tomba junto da sua fiel companheira.

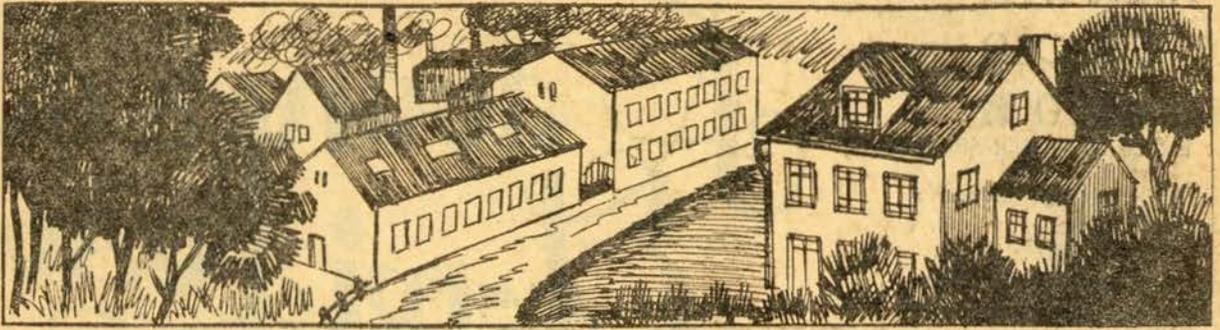
É feito prisioneiro e transportado, em perigo de vida, para uma ambulância.

Os aliados vencem. Assina-se o Armistício.

Manuel regressa á sua aldeia Vem apoiado a umas muletas e traz a cabeça ainda envolvida pela gaze



(Continua na pág. 5)



FORÇA DE VONTADE

Por ALFREDO JOSE MOÍTA DOS SANTOS

Há já muito tempo que Alexandre da Silva era a vergonha dos rapazes da nossa pequena aldeia. Tinha somente 16 anos mas o seu aspecto era detestável, pois, em virtude do seu temperamento sugestivo, deixara-se dominar pelos maus companheiros, que depressa lhe haviam entranhado no corpo os hábitos mais degradantes.

Era triste e desolador ver aquele rapaz, ainda tão jovem, mas que, tão rapidamente, mergulhara na lama. Parecia um velho!...

Sua avó, seu único amparo, atormentada pelo enorme desgosto, chamou-o um dia e pediu-lhe, de joelhos, que deixasse a miserável vida que levava e que se dedicasse ao trabalho.

— «Para que hei-de trabalhar — (replicou êle, desanimado) — se agora já é tarde para voltar atrás?»

— «Nunca é tarde para o bem, Alexandre — (sentenciou a bondosa velhinha, com as lágrimas nos olhos). — Tem confiança em mim e não desespere da protecção divina.»

Passados anos, vamos encontrar à porta de uma encantadora vivenda, brincando com um interessante bebé, o nosso Alexandre, que era um homem dos seus quarenta anos, pouco mais ou menos, e que, graças ao seu trabalho, era um dos mais conceituados e estimados proprietários da aldeia.

Perto da vivenda, onde agora residia, erguia-se uma importante fábrica, dentro da qual se pressentia uma grande azáfama. Operários iam e vinham, alegremente.

A janela da linda casa, debruçavam-se, por entre frescas e alegres risadas, uma senhora, esposa de Alexandre, e a salvadora avózinha.



Em face de tão grande renovação, dirigimo-nos ao nosso homem e atirámos-lhe, à queima-roupa:

— «Por favor, diga-me quem é o proprietário desta vivenda e daquela fábrica?»

Alexandre, sorridente e afável, retorquiu-nos, amavelmente:

— «Tanto uma como outra, pertencem-nos; a mim, Alexandre da Silva, e a minha esposa, Adelaide, que ali vêdes àquela janela.»

Vendo confirmados os nossos pressentimentos, pedimos-lhe que nos contasse como conseguira rehabilitar-se.

— «E' com o maior prazer que acêdo ao vosso pedido, pois nunca é demais encarecer o que devo a Deus, à minha querida avó e à minha força de vontade.»

Depois de ter chegado ao último degrau da miséria e quando já todos me consideravam um desgraçado, consegui entrar, como operário, nas oficinas dum importante industrial. Em breve, com a admiração de todos, me tornava notado, em virtude da minha assiduidade ao trabalho e da minha dedicação, pelo que fui elevado à categoria de contra-mestre.

Entretanto, tinha principiado a estudar, nas horas vagas, a-fim-de tirar o curso de engenharia.

Há alguns anos atrás, isso seria impossível mas, naquela altura, nada se opunha à minha vontade, à qual devo, principalmente, a privilegiada situação que hoje usufruo.

Cerca dos meus trinta anos, concluí o curso de engenharia, com distinção e, tendo obtido a protecção do meu ex-patrão, fundei a fábrica que ali vêdes, a qual nunca deixou de trabalhar, o que me permite não só viver com certa comodidade, mas também contribuir para a felicidade de algumas dezenas de habitantes da nossa aldeia.

É por isso que, hoje, me sinto feliz e bendigo minha avó, por me ter afastado, a tempo, da senda horrível por onde caminhava, e a Deus por nunca me ter desamparado.»

Encantado com tão bela confissão e admirado do poder da vontade humana, pedi ao feliz Alexandre que me mostrasse a sua fábrica, pedido a que êle acedeu de bom grado,

E, à despedida, não pude deixar de elevar graças a Deus pelo feliz quadro que me fôra permitido contemplar!...

Pensamentos

Só os grandes corações sabem quanta alegria proporciona o ser bom.

A fé é a porta por onde entramos na casa de Deus.

Um bom falante em plena sala:

— «Eu, minha senhora, até adivinho o que uma pessoa com quem estou falando, tem no pensamento!»

— «Ah! Então desculpe, mas creia que não era por mal!...»

HISTÓRIA DE UM CÃO

■ VADIO ■

Por FRANCISCO FONSECA DIAS

Era uma vez um cãozinho
Cheio de fome e de frio,
Sem dono, triste, vadio,
Sem ter um só amiguinho.
De terra em terra à procura
Dum coração bem formado,
Nesta vida errante e dura;
Não há nenhuma tortura
Que não tenha experimentado!

Por todos escorraçado,
À pedrada, a pontapé,
Sofrendo tiros, até!
O pobre cão desgraçado



Só procurava guarida
Longe do homem ruim.
Ai que triste a sua vida,
Que sofrimento sem fim!

Certa noite de Janeiro,
Caía neve do céu;
Este inditoso rafeiro,
Sob o tecto dum pinheiro,
De cansaço adormeceu.
E sonhou coisas tão belas!
Tinha um dono muito bom,
Uma coleira de estrelas
Circundando um nome: Tom!

O seu pêlo bem tratado,
Era nédio, luzidio;
Num bom tapete deitado
Dormia já sem ter frio.

Tudo o que o dono comia
Ele comia igualmente;
Feliz a vida sorria
A este cão, como à gente
Que tem fartura e conforto.

(Continua na página seguinte)

A doença de El-rei Leão

POR JOSÉ QUARTE AMARAL

Andava tudo triste no reino dos Animais. Pelos corredores do palácio real, os cortezãos, que nele se encontravam, paravam a conversar baixinho. Pelas ramadas das árvores, macacos e saguis murmuravam e discutiam com calor. Um elefante, já velho, abanava as grandes orelhas, agitava a tromba e dizia, com gravidade, para uma girafa deputada:

— «Isto assim não pode continuar. É preciso arranjar uma solução e depressa!»

— «Pois, evidentemente — retorquiu a girafa. — Eu vou, hoje, propôr ao Parlamento que ou o rei se cura ou nós procuramos outro que nos governe.»
Porque queriam os animais outro rei?

O caso fora que El-Rei Leão III, sempre um ótimo rei, amigo do seu povo e zelador dos seus interesses, tinha sido recentemente acometido por uma perigosa doença, uma espécie de doença de sono, que o fazia cabecear constantemente. Em todos os actos em que intervinha — audiências reais ou reuniões de Estado — mal se sentava na cadeira real, encostava o braço, a cabeça descaía-lhe e começava a ressonar assustadoramente, enquanto a corôa, escoregando, ficava às três pancadas.

Por isso se murmurava tanto. A doença do rei era o assunto obrigatório de todas as conversas. Uns pensavam que se deviam consultar todos os sábios especialistas do reino e até de fora. Outros, porém, partidários do duque D. Lobo, pediam a substituição da pessoa real. Este duque, que, sendo ignorante, se queria fazer passar por doutor, era muito ambicioso e desejava, ardentemente, o trôno. Por isso, mandava, a partidários seus, que tornassem a opinião pública favorável à sua eleição, aproveitando-se da circunstância do rei se encontrar em tal estado.

Dentre as pessoas que mais inconsoláveis estavam com a doença do rei, contava-se a sua extremosa filha, a princesa Leãozinha. Tinha consultado, sucessivamente, todos os especialistas do reino: — D. Mõcho, distinto clínico; D. Cangurú, médico-cirurgião, etc., mas sem resultado satisfatório.

Certo dia, tendo ouvido dizer que D. Lôbo sabia artes de bem curar, dirigiu-se a casa dele e disse:

— «D. Lôbo, como sabeis, meu pai está doente. Vinha pedir-vos que me indicásseis um remédio que o pudesse curar.»

O lôbo viu uma boa ocasião para afastar a princezinha da corte e



tornar, portanto, mais fácil a sua ascensão ao trôno. Manhosamente retorquiu-lhe:

— «Real princesa, no reino vizinho há uma planta, muito saudável, que fará desaparecer a doença do rei, vosso pai.»

A princesa agradeceu e, nesse mesmo dia, partiu para o reino fronteiro. Ainda não ia muito longe, quando D. Lôbo, com outros da sua igualha, assaltou o palácio, prendeu o rei sonolento e se fez aclamar rei. A maior parte do povo não gostava dele, mas, receosa, conformou-se com a situação.

Entretanto, a princezinha chegara ao reino vizinho, onde travou conhecimento com o príncipe herdeiro, D. Leão de Juba Amarela, que ficou logo apaixonado e lhe perguntou o que ela pretendia. Então, a Leôzinha disse ao que ia e o príncipe (que também sabia curar), verificou que a planta que o Lôbo aconselhara era muito venenosa.

— «Dizei-me, princesa, qual é a doença de vosso pai?»

— «Um sono de chumbo, príncipe, que não lhe permite fazer nada.»

— «Mas, no vosso reino, existe certa água de um lago que cura essa doença. D. Lôbo devia conhecê-la, mas, por maldade talvez, não vo-lo disse. Princesa, desconfiai desse D. Lôbo. Quereis aceitar o meu auxílio para salvar vosso pai?»

A princesa aceitou imediatamente, agradecendo muito, e partiram, logo nessa tarde, montados em côrças ligeiras e protegidos pela aviação do reino, constituída por águias.

Entretanto, D. Lobo chamara à sua presença cinco Preguiças, que faziam parte da sua escolta, e disse-lhes:

— «Conduzam o rei à beira do lago da Floresta e atirem-no à água, atado a uma pedra.»

As Preguiças dirigiram-se para o lago. Mas, assim que lá chegaram, cansadas pelo esforço que tinham feito e indolentes por natureza, sentaram-se a descansar, depois de colocarem o rei no chão. A cabeça do Leão oscilou, tocou na água, entraram-lhe umas gôtas na boca e, como por milagre, ergueu-se curado, diante das Preguiças, surpreendidas e confusas, que, arrependidas, confessaram tudo.

El-rei partiu a tôda a brida. Quando chegou junto ao palácio, ouviu grande algazarra.

Um grupo de animais trazia D. Lôbo arrastado, já sucumbido, e disputava-se a matá-lo.

Fôra o caso que a princesa já tinha chegado e, ajudada pelo príncipe e pelo povo, que a amava, tinha obrigado o duque a abdicar. A princesa beijou muito seu pai e disse-lhe quanto ambos deviam ao príncipe, que, muito modestamente, dizia ter cumprido apenas o seu dever.

Então o rei, com voz solene, exclamou:

— «Príncipe, agradeço-vos o auxílio que me haveis prestado. Como paga, dou-vos minha filha por noiva, se porventura isso agrada a ambos.»

Calou-se, sorridente, e olhou-os.

A leôzinha baixou púdicamente os olhos e còrou. O príncipe agarrou-lhe uma patinha e, ternamente, beijou-a no focinho gentil.

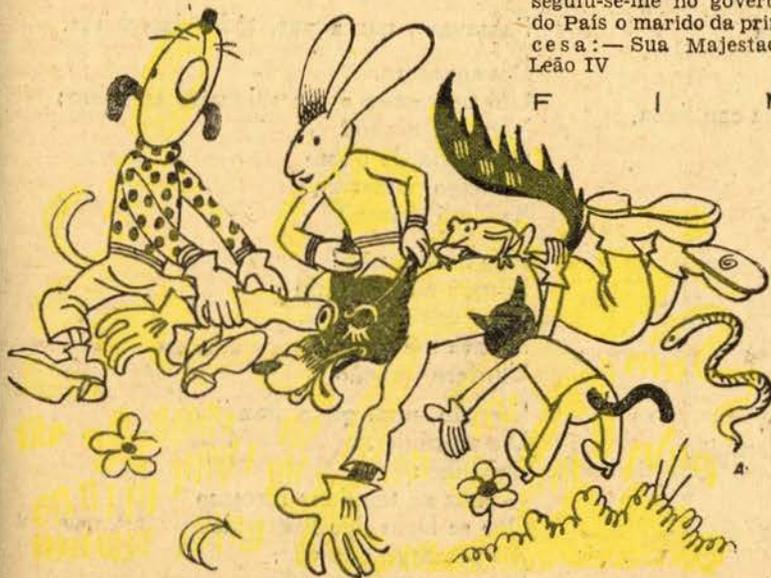
Daf a poucos dias, a princesa casou com o príncipe herdeiro, num dia muito soalheiro, entre a alegria de tôda a bicharada da selva, que os aclamava. Pompos e rôlas voando, deixavam cair pétalas de flores.

Quanto a D. Lôbo, morreu, como castigo da sua maldade.

El-rei Leão III governou durante muito tempo ainda e, quando morreu,

seguiu-se-lhe no govêrno do País o marido da princesa: — Sua Majestade Leão IV

F I M



HISTÓRIA DE UM CÃO VADIO

(Continuado da página anterior)

Nisto, acorda, de repente,
Geladinho, quási morto,
No seu olhar a tristura
Dos desenganos fatais,
Quando sonhos irreais
Nos dão a falsa ventura!

Logo um latido pungente
A noite fria cortou.
Soergueu-se de repente,
O olhar velado, tremente,
Deu um suspiro e tombou.

Pobre cãozinho sem dono,
Findára a sua desgraça!
E como êle, ao abandono,
Sem pão, sem lar, sem carinho,
Quanta gente a vida passa!



E tu, meu bom leitorzinho,
Que tens um bom coração,
Se um dia no teu caminho
Achares um pobre cão,
Sem ter dono, sem ter pão,
Ai, nunca lhe faças mal,
Pois merece compaixão;
Faz-lhe festas, dá-lhe pão,
Porque, sendo irracional,
Tem, como nós, coração!

ANEDOTA

O FILHO DE BARNABÉ

— «Que fazes tu, aqui, parado no passeio, nesta rua solitária?»

Barnabé Júnior, a quem esta pergunta era dirigida, responde:

— «A mamã disse-me que não atravessasse a rua enquanto não passassem os carros. Há uma hora que estou aqui parado e ainda não passou nenhum.»

UM HERÓI (Continuado da página 2)

mas no seu peito brilha com fulgor a Cruz de Guerra.

Nesta altura, Zéca com as lágrimas nos olhos, beija sua avózinha, dizendo-lhe: — «Foi um herói!»

VIAGENS Á RODA D'ÁFRICA

por N. N.

Num barracão do Alto do Pina ocultava-se o arsenal clandestino de certo grupo desordeiro. Uma noite, após luta terrível, desapareceram os misteriosos visitantes que vinham, pela calada, esconder coisas no barracão.

Em frente, nas ruínas dum pardieiro, viviam dois miudos, o Zéca e a Zita. Ele vendia jornais, ela era cauteleira. Os dois suspeitavam do mistério do barracão. E acabaram por descobrir o arsenal escondido, bem como uma grande fortuna abandonada.

De posse desse dinheiro, e não querendo ficar com ele, porque lhes não pertencia, o Zéca e a Zita resolveram ir à Etiópia oferecê-lo ao Négus, levando também o imenso material de guerra que tinham achado. Nesse tempo o



Négus andava em guerra aberta contra os italianos.

Meteram-se a caminho num vapor e em Tanger encontraram um grupo de meninos ricos, o Toino, o Quim, e a Micas, que também se dirigiam à Etiópia. Esses meninos tinham fugido à família levando um tesouro em libras que haviam descoberto num escondejo da quinta. Também gostavam muito do Négus e queriam dar-lhe o tesouro para ele gastar na guerra.

Os cinco portugueses viajavam juntos. E sucedeu-lhes cada peripécia! Foram raptados em Tanger e no Egipto! Viajaram pelo deserto! Afrontaram perigos e mostraram coragem! Viram terras novas e povos exóticos!

Tam para a Etiópia pelo caminho do canal de Suez. Passado o Mar Mediterrâneo, o mar Vermelho, e atingido o porto de Djibuti, na Somália, entram no caminho de ferro que ia para Adis-Abbeba. No trajecto foram atacados por bandidos e defenderam-se a tiro. Houve intrigas e manobras para os roubarem. Mas conseguiram chegar à cidade.

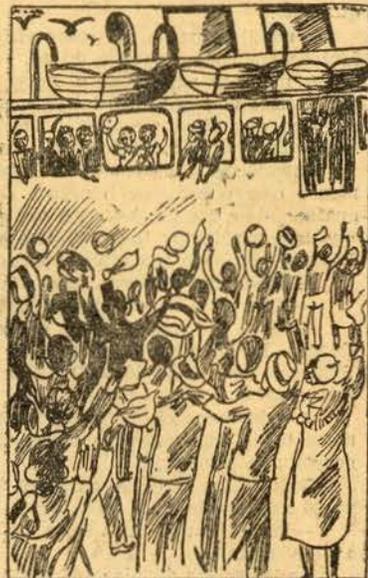
Depois de passarem por toda a parte, entregaram ao Négus o presente que lhe levavam. Daí a pouco Adis-Abbeba foi atacada e os portugueses ficaram feridos.

Regressaram a Portugal, tomando o rumo das colónias portuguesas. No Niassa caçaram leões, hipopótamos e crocodilos. Arranjaram um criado preto e trouxeram-no para Lisboa.

Visitaram todo o belo litoral de Moçambique, com as suas cidades verdadeiras e ricas. Viram os usos estranhos dos povos orientais. Passaram por muitas aventuras, perseguições de bandidos, correrias de automóvel, tiros feroces. Os três meninos ricos, aqueles que tinham fugido à família, desapareceram no trágico turbilhão.

É como num filme. Aventuras, aventuras, aventuras... E todo o segredo da selva, e os costumes misteriosos dos negros, são revelados aos dois sobreviventes.

Depois de passarem o cabo da Boa Esperança, chegaram a Angola. O Zéca



e a Zita foram de comboio até ao interior da África Central, viram os núcleos de colonos portugueses moirando no Planalto, admiraram o esforço secular da nossa raça. Seguiram para Luanda de Automóvel, e correram aventuras, e dançaram em batuques, e desvendaram os usos e costumes dos africanos selvagens.

Foram de vapor a São Tomé, a Cabo Verde, a Madra, e chegaram a Lisboa numa manhã. Enorme multidão no cais, à espera do navio... Porquê? Haveria entre os passageiros alguém que fosse célebre e merecesse tamanha recepção?

De repente surgem Os vivos: — «Viva o Zéca! Viva o Zéca!» A multidão apinha-se no cais aguardando o Zéca! Portugues? Que fez ele de herói ou notável?

Eis o que fica sabendo quem ler o romance infantil «Viagens á roda da África», de Maria Archer, edição do «Século.»

GESTO INFANTIL

Por ANTONIO DIAS MIGUEL

ABRIL. A primavera amena
Nadava em flôres!
Os grilos, bons cantores,
Lançavam para o ar a sua cantilena.

O sol dava mais luz,
As flores eram mais belas,
Porque o olhar de Jesus
Também se reflecte nelas.

Cruzavam-se nos ares lindas cantigas;
No chão, mansas formigas
Faziam provisão.
Era tempo de amôres,
E as borboletas, em vestes de côres,
Andavam pelo espaço em grande lentidão.

Os meigos passarinhos
Faziam os seus ninhos
Nas árvores altaneiras.

Cèleremente, voavam andorinhas
E até as joaninhas,

Passavam, par a par, tôdas lampeiras.

Devagarinho,
Um pequenito a um salgueiro se cobre;
Vira um ninho!
Que seria do pobre
E meigo passarinho,
Se êle o tirasse?

Não tiraria, não!
Porque não gostaria
Que, um dia,
A casa lhe levasse
Um fero furacão.

E então, num gesto grandioso,
Diz ao ninho,
Baixinho:

— «Diz ao teu dono formoso
Que se Deus deu liberdade,
Ao passarito que vôa,
Sua voz em mim ecôa,
E eu não faço a crueldade

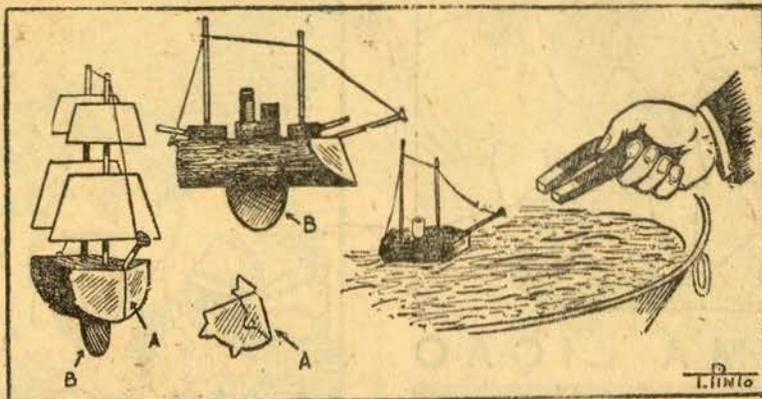
(Continua na página 7)

Curiosidades

BARQUINHOS COM MOVIMENTO

Vamos, hoje, ensinar aos nossos pequeninos leitores a maneira de construir uns barquinhos com movimento, embora sem motor.

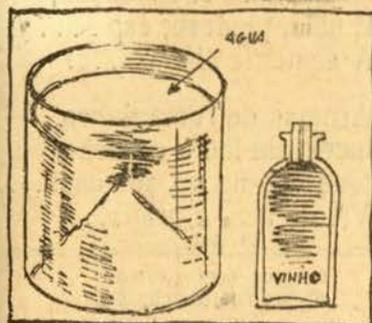
Com um pedaço de cortiça (até uma simples rólha poderá ser utilizada), formarão o casco da embarcação, aplicando-lhe, em baixo, um pedaço de folha, recorrendo à tampa duma lata de conservas ou de mantelga. No extremo da proa, espetarão uma chapinha de metal na ponta dum pauzinho e tudo mais conforme claramente mostra a gravura que acompanha estas instruções.



O movimento é dado pelo poder de atração dum íman que, por pouco

dinheiro, podem adquirir em qualquer loja da especialidade.

O VESÚVIO EM CASA



No fundo de uma vasilha de vidro, cheia de água, coloca-se um frasco contendo vinho tinto. Este frasco deve ter uma rólha de cortiça, furada, para ter na parte superior um pequeno orifício de saída.

Pela diferença de densidade dos dois líquidos, a água penetrará no frasco, expulsando o vinho, que subirá procurando o orifício de saída da rólha, como uma pequena coluna de fumo.

Para a ilusão ser mais completa, no fundo da vasilha deitar-se-á terra até à altura da rólha do frasco; d'êste modo, a pequena coluna de fumo despedida pelo vinho tinto, parecerá que brota da cratera de um vulcão.

mão. Pômos as mãos atrás das costas e fingimos mudar o tostão dum lado para o outro; apresentamos, depois, as mãos, cerradas, à assistência, com um tostão em cada uma delas. Se aquele que se prestou a adivinhar, aponta para a nossa mão esquerda, abrimos a direita, e mostramos-lhe o tostão que lá está. Se aponta para a direita, abrimos a esquerda, e êle perde igualmente, porque lá está o tostão.

CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Acusamos a recepção dos seguintes originais destinados à 3.ª Quinzena:

POESIA

Joaninha vóa, vóa!... por Alberto A. de Sousa.

Duas jóias, dois amores—por Emeçêpe.

As andorinhas—por Oiramgil. Portugal, terra formosa—por Oiramgil.

O galo branco e o galo preto—por Abel do Ó.

CONTO

O castigo dum vaidoso—por Alberto Augusto de Sousa.

História e histórias—por Carlo. A quinta do Carvalho—por Diniz Hugo Franco.

O menino pobre e o menino rico—por Joaquina Maria da Conceição.

A rosa branca—por A. B. C.

DUAS PARTIDAS

Quer aos serões, quer em qualquer outra ocasião, em que algumas pessoas amigas se encontrem reunidas, ocorre, muita vez, distraírem-se com jogos, adivinhações e passatempos ligeiros.

Para êsse efeito, oferecemos aos nossos leitores as seguintes brincadeiras que fazem rir e ajudam a passar um pouco de tempo agradavelmente.

O CHOQUE

Participamos, muito seriamente, a uma das pessoas que junto de nós se acham, que podemos comunicar electricidade a qualquer objecto, de tal maneira que, quando alguém lhe tocar, receberá um choque.

Pedimos, então, a essa pessoa para

saír da sala. Enquanto ela lá está fora, nós e o resto dos assistentes, dispomos sobre a mēsa uma porção de objectos, para serem todos por sua vez tocados pela *vitima*. Esta entra e vai, cautelosamente, tocar primeiro num objecto, depois noutro. Quando põe os dedos no (por exemplo) sexto objecto, dão todos, de repente, um grito—e a *vitima*, espantada dá um pulo com que vai quasi parar ao outro lado da sala.

O ARDIL DOS TOSTÕES

Apostemos com uma das pessoas presentes que ela não é capaz de adivinhar em qual das mãos temos um tostão escondido.

Agarramos, sem que dêem por isso, em duas moedas de tostão, que sejam iguais, e escondemos uma em cada

(Continuado da pág. 6)

De proceder contra êle,
Rei da Natureza, Aquêlê,
De quem sou, de quem vós sois;

Nem só por isso! É que, enfim,
Uma voz diz dentro em mim,
Que o mundo chega bem para nós dois!

OS NOSSOS CONCURSOS ENCONTRAI RIMAS e FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



UMA LIÇÃO

Por JORGE DA CRUZ VALENTE

Havia um menino rico,
que se cria um sabichão,
mas, dum rapazinho pobre,
recebeu uma lição.

Um dia, o menino rico,
viu passar uma ceguinha
e a troçar da desgraçada
se pôs com voz escarninha.

Mas o rapazinho pobre,
que o observava de perto,
dirige-se ao que era rico
e diz-lhe com grande acerto:

— «Porque estás a fazer pouco
da desgraçada velhinha?
Pois nem pensas que, algum dia,
podes ser como a ceguinha?»



Os mestres, os professores,
São da infância os jardineiros,
Cultivam mimosas fl
Nas almas, lindos cant!

Por isso, pois, cada peito,
Cada alminha, flor de neve,
Retribua com resp
O muito que se lhes d!

Não faças troça! Mal sabes
o futuro que terás.



Bendito o homem que trabalha
Numa terra abandonada,
E nela, piedoso, esp
A semente abenço!

Aromas de romaninhos
Incensem-lhe o coração,
Que até no pó dos cam
Vive e reza a grat!

Recorda bem o ditado:
«Como fizeres acharás.»

A ESPERTEZA DUM GATO

(Continuado da página 1)

nada menos que um quilo de bofe. O gato pediu uma pistola e balas para matar os que tentassem resistir e, bem assim, um cabaz para meter dentro os revoltosos.

O dono aprovou a ideia e o gato saiu de casa com a pistola numa mão e a outra arrastando o cabaz.

* * *

Quando a criação já se encontrava debaixo da árvore, em que tinha resolvido acampar, avistou, a distância, um lobo. Imediatamente, todos subiram para a árvore. Em baixo, estava o lobo a olhar para cima.

— «Aí vem o gato!» — gritaram alguns.

— «Vai ser comido pelo lobo!» — gritaram outros.

O gato aproximou-se, arrastando o cabaz, e, quando o lobo se preparava para o atacar, o gato apontou-lhe a arma e fez fogo. O lobo caiu morto.

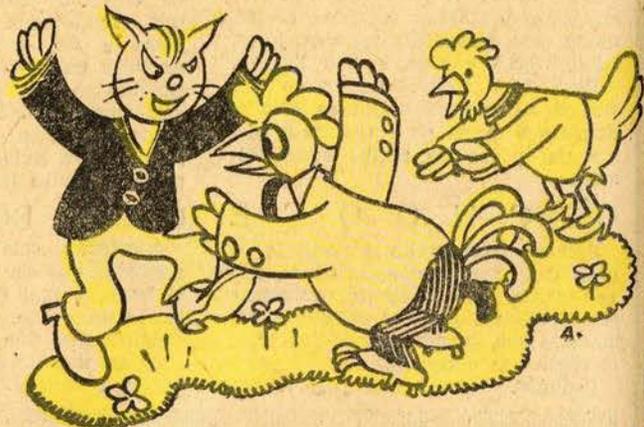
Então, o gato, olhando para o alto da árvore, exclamou:

— «Toca a descer, a-fim-de irmos para casa, senão faço-vos o mesmo que fiz ao lobo. Vá, que eu estou com pressa!»

Uns após outros, foram descendo e, à medida que punham os pés no chão, iam para dentro do cabaz.

Então, o gato deixou ali o cabaz e dirigiu-se a casa, onde deu ordem para o irem buscar.

Ao outro dia, o gato viu o contracto cumprido, pois foi



presenteado com um quilo de bofe. Tanto comeu que, por pouco, não ia morrendo.

Era uma pena se ele morresse, não para a bicharada, que estava furiosa com ele, mas para o dono, a quem o gato poupára dinheiro, pois, se não fôra ele, teria que comprar mais criação, a-fim da capoeira não ficar às moscas...